Desengajamentos morais, autoeficácia e bullying: a trama da convivência

Luciene R. Paulino Tognetta*, José Mª Avilés Martínez**,
Pedro J. Sales Luiz da Fonseca Rosário***, Mª Natividad Alonso Elvira **** …

* Universidad Estadual de Sao Paulo– Brasil, **Universidad de Valladolid-España,
*** Universidad do Minho – Portugal, ****CEIP Francisco Pino Valladolid-España

Resumo

Neste artigo, discute-se a relação entre bullying e desengajamentos morais. Numa investigação com 2600 adolescentes de 14 a 16 anos, buscou-se verificar seu envolvimento em situações de bullying, suas crenças de autoeficácia quanto ao desempenho acadêmico e os possíveis desengajamentos morais demonstrados por eles. Encontrou-se uma correspondência entre ser agressor de bullying e a "desumanização da vítima". A participação no bullying como autores, vítimas e espectadores também se associou a "culpabilização da vítima" demonstrando o perfil de alvos de bullying frágeis e com pouco valor. Encontrou-se também uma correspondência entre "bom ou muito bom" aluno e menor desengajamento moral, ao comparar-se as crenças de autoeficácia acadêmica e desengajamentos morais. Os resultados deste estudo possibilitaram a compreensão dos mecanismos psicológicos presentes no bullying, a fim de que a escola possa repensar as intervenções e prevenções que realiza para que a convivência seja um valor.

Palavras-chave: desengajamentos morais. bullying; autoeficácia;

Abstract

This article discusses the relationship between bullying and moral disengagements. In a research study conducted with 2,600 adolescents, between 14 and 16 years old, an attempt to verify their involvement in bullying, their self-efficacy beliefs regarding their academic performance and their possible moral disengagements was undertaken. A correlation between being bullying to others and the "dehumanization of the victim" was found. The participation in the bullying situation as authors, victims and spectators was also associated with "victim-blaming", showing the fragile profile of bullying victims and their diminished value. The results of this study allows for the understanding of the psychological mechanisms present in bullying, so that the school may re-think interventions and preventative measures that can be taken such that life is valued.

Keywords: moral disengagements, bullying; self-efficacy.

O fenômeno bullying, que nas últimas décadas tem conquistado status científico, foi definido por Olweus (1978), em seus primeiros trabalhos, como um subtipo de comportamento agressivo que tem na intencionalidade e na repetição, algumas de suas características. É uma forma de violência muitas vezes escusa aos olhos da autoridade, que em muitos casos, a considera como brincadeira da idade, uma vez que tem como característica peculiar a simetria de poder instituído entre os participantes, já que são pares – tanto os autores, que atacam com a intenção de ferir o outro, como os que sofrem as agressões e se mantém nessa condição de vitimização, visto que são impossibilitados de se desvencilhar de uma autoimagem que têm de pouco valor. Ambos, vítima e agressor, inseridos nessa dinâmica estão sob os olhos de seus iguais que testemunham os fatos (Avilés, 2012).

O que está em jogo em situações de bullying não é a desinformação sobre o problema, mas sim uma trama de relações interindividuais e intraindividuais que proporciona um julgamento ou avaliação dos sujeitos sobre a situação vivida como desrespeito ou não, portanto, com um conteúdo moral ou não. Assim como Olweus, Turiel (1983) também afirmou que, em situações de agressão, meninos e meninas agressoras, ainda que saibam o valor das regras morais que proíbem prejudicar outros, as quebram, mesmo sabendo que causam dor à vítima. Tal fato é explicado em função dos sujeitos intimidadores conceberem as regras morais como frágeis, diferentemente de um grupo de sujeitos caracterizados por Turiel como não agressivos ou não intimidadores. São exatamente esses sujeitos intimidadores aqueles mais propensos a autojustificar sua conduta para não se sentirem culpados. Eles se autojustificam para agir de forma agressiva, utilizando-se de mecanismos de desengajamento moral. O que está em jogo ao se desengajar (mais do que uma avaliação cognitiva), é a necessidade de se autojustificar para manter, para si e para o outro, uma boa imagem, condizente com os padrões que o sujeito tem interiorizado que podem nos mostrar certamente, se formados por conteúdos morais ou não.

Ao investigar a relação entre o ajuste interpessoal, o uso de mecanismos de desengajamento moral, assédio moral e comportamentos pró-sociais, Sagone e Licata (2009) encontraram uma relação entre a impulsividade, a menor competência nas habilidades sociais, o desengajamento moral e o envolvimento em bullying. Um dado relevante refere-se àqueles que mais participavam de situações de bullying, sofrendo as agressões de seus pares: estes eram os mais preocupados com a autoimagem que tinham diante dos outros. Tognetta e Rosário (2013), numa investigação anterior, encontraram que autores de bullying mostram-se com imagens de si individualistas que não incluem o outro e nem mesmo se referem a algum conteúdo moral.

Assim, poderíamos nos questionar: a violência intitulada bullying não estaria sendo incorporada como um valor para os sujeitos que nela se envolvem, deixando-os relativamente confortáveis para nela permanecer ou sem forças para superá-las? Diferentes investigações (Sánchez, Ortega, & Menesini, 2012; Thornberg & Jungert, 2012) a partir de tais indagações, consideram o tema como perspectiva para novos estudos. Assim, os desengajamentos morais passam a ser um

PRE-PRINT

importante foco de investigação e avaliação destas situações. Ao desengajar-se, o sujeito se encontra liberto de autocensura e potencial culpa e que assim, o desengajamento moral serviria como uma espécie de desinibidor de uma resposta no indivíduo (Bandura, 1999; 2002). Um sujeito se desengaja pela sua incapacidade de se descentrar de seu ponto de vista e de se sensibilizar pelo outro, esquivando-se da culpa e da responsabilidade por uma ação moral.

Menesini et al. (2003) verificaram, entre estudantes da Espanha e Itália, como a indiferença e o orgulho, presentes em formas de desengajamento moral, são muito mais apresentados pelos "valentões" agressores de bullying do que por suas vítimas. Hymel, Rocke-Henderson e Bonnano (2005), constataram que sujeitos com uma maior frequência de comportamentos de bullying mostraram níveis mais elevados de desengajamento moral do que aqueles que não se apresentavam como autores de bullying.

E quanto as possíveis relações entre tais questões e os sucessos e fracassos acadêmicos vividos por esses sujeitos? Passemos a considerar essa possível relação quando tratamos do se tem chamado de autoeficácia. Este termo se refere a um autojuízo sobre a capacidade para organizar e executar ações, atingir metas desejadas e organizar seu funcionamento psicológico. Diversas pesquisas têm utilizado instrumentos de medida da autoeficácia para prever e explicar diferentes comportamentos humanos. As pesquisas de Keltikangas-Jarvinen e Pakasiahti (1999) entre outras, apontavam que sujeitos com baixa autoeficácia para determinados domínios comumente são propensos a se envolver em situações de bullying e vitimização, como mostraram. Outras investigações com as de Olee (1993) e Rigby (2003) indicaram uma relação entre um grau crescente de autoeficácia e o risco de comportamento provocador. Barchia e Bussey (2010) relacionaram o impacto da autoeficácia individual, coletiva e o desengajamento moral a situações de agressões entre pares na escola: baixas crenças foram associadas com a frequente agressão, encontrando-se uma associação ainda mais forte nos níveis mais elevados de desengajamento moral. Tais pesquisas indicam a perspectiva para um de nossos objetivos: investigar também se haveria uma correspondência entre os desengajamentos morais apresentados por sujeitos e suas crenças de autoeficácia acadêmica.

A presente investigação

Participaram 2600 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II entre 14 e 15 anos de idade de escolas públicas e particulares do Estado de São Paulo numa amostra por conveniência, respondendo a um questionário com perguntas abertas e fechadas sobre três constructos: envolvimento em situações de bullying, crenças de autoeficácia acadêmica e desengajamentos morais. Quanto ao primeiro: para constatar a participação em situações de bullying como alvos, autores ou espectadores utilizando-se de um instrumento baseado em Olweus (1999), Avilés, (200). Com a frequência na participação em situações de agressão, definiu-se os termos "autor total"; "vítima total" e "espectador total" que correspondem a quando há a indicação da repetição das ações (mais de uma vez) – citados a partir daqui como "1"; e quando não há a repetição dessas ações como "0". Quanto às crenças de autoef icácia acadêmica, os estudantes responderam à seguinte pergunta: Em relação a seus estudos, como acha que você é? As alternativas de respostas eram: muito bom aluno, bom aluno, aluno médio, mau aluno e muito mau aluno. Para conhecer o engajamento ou desengajamento dos estudantes frente às situações de bullying, optou-se por analisar seus julgamentos a partir de duas situações hipotéticas: numa delas uma vítima pacífica e em outra, uma vítima provocadora. Para cada história foram formuladas 14 alternativas, a partir de um estudo exploratório anterior que consistiu em apresentar as histórias a 50 adolescentes de 9º Ano do Ensino Fundamental II e lhes pedir que respondessem livremente à pergunta: "Como você julga a situação de Japinha/Thereza? Explique o que você pensou". As respostas dos 50 participantes foram então utilizadas para compor o instrumento desta atual investigação.

Dentre as alternativas descritas, oito correspondiam às oito formas de desengajamento moral propostas por Bandura (2002). As demais respostas implicavam numa decisão pelo engajamento moral, ou seja, nessas alternativas os sujeitos reconheciam o desrespeito e a falta de ética nas provocações realizadas com os personagens das histórias.

1. Desengajamento moral x vitimização.

Os dados das respostas que nos indicaram o engajamento ou desengajamento moral foram submetidos a uma análise fatorial exploratória visando identificar as dimensões aglutinadoras. Dois fatores foram encontrados a partir da estrutura fatorial, explicando 36,2% de variância. O primeiro fator encontrado foi denominado "engajamento moral" e explicou 22,1% da variância. O segundo fator encontrado foi denominado "desengajamento moral", explicando 14% de variância. Pela medida KMO, pudemos comprovar que o tamanho da amostra é adequado para análise (0,818). Aplicando-se o teste de Bartlett, pôde-se verificar que as diferenças entre as dimensões eram significativas ($p < 0,001$), portanto a realização da análise fatorial foi apropriada. A consistência interna (alfa de Cronbach), na dimensão denominada "engajamento moral", foi de 0,77 e 0,85, na dimensão denominada "desengajamento moral". A tabela 1 apresenta os resultados encontrados quanto à participação dos sujeitos e suas formas de engajamento/desengajamento moral.

Os resultados indicam não haver diferença significativa entre engajamento e desengajamento daqueles que são alvos de bullying, ou seja, mostram-se tanto engajados como desengajados moralmente. Contudo, aqueles que são espectadores mostram-se mais engajados. Quanto aos autores, os resultados apontaram para um maior desengajamento moral (sua média é positiva para o desengajamento) e menos desengajamento (a média é negativa para o engajamento).

PRE-PRINT

Tabela 1
Engajamento /desengajamento moral X envolvimento em bullying

	n	Média	DP	Mínimo	Mediana	Máximo
Engajamento						
Vítima total	174	0,089	1,012	-1,660	-0,107	1,643
Autor total	194	-0,144	1,029	-2,056	-0,040	1,690
Espectador total	701	0,055	1,002	-2,070	0,230	1,692
Desengajamento						
Vítima total	174	-0,004	0,976	-1,007	-0,351	4,360
Autor total	194	0,374	1,196	-1,049	-0,038	5,192
Espectador total	701	0,005	0,944	-1,049	-0,261	5,733

2. As categorias do desengajamento moral.

Constatamos que em ambas as histórias o deslocamento da responsabilidade – (quando a responsabilidade por um dano moral é terceirizada a outra pessoa, principalmente a uma autoridade: "foi ele quem mandou") foi a categoria de desengajamento moral mais assinalada (29,1% na primeira e 29,7% na segunda história). Na primeira história, em segundo lugar, destaca-se 16,5% das respostas à comparação dessa ação a outra em que o prejuízo poderia ser pior e 13,6% seguidos de 13,5% acentuam a desumanização (dizer que a vítima tem que sofrer porque não tem honra, por exemplo) ou a culpabilização da vítima (ela é culpada pelas ofensas), respectivamente, como explicações para o não engajamento moral.

Na segunda história, há um agravante: a presença da vítima provocadora. Dessa vez, a difusão da responsabilidade é acentuada (28,1%). Nessa situação, 27,4% das respostas atribuem a culpa à própria vítima e 23,7% se referem à desumanização. Nesta, se selecionarmos quatro das respostas mais citadas – considerando duas presentes em ambas as histórias (culpa e desumanização) e duas outras criadas em cada uma das histórias (a comparação vantajosa e a difusão da responsabilidade), a pergunta que se faz agora é: quem seriam aqueles que mais apresentam as formas de desengajamento moral mais assinaladas – autores, alvos ou espectadores?

Para responder a essa questão, foram criadas duas variáveis a partir de cada uma das formas de desengajamento: (0) quando não foram citadas pelos respondentes e (1) quando foram assinaladas. Na Tabela 2 encontramos o percentual de alternativas assinaladas e não assinaladas para cada forma de desengajamento em ambas as histórias.

Tabela 2
Percentual de respostas assinaladas para categorias de desengajamento moral

Categorias do desengajamento moral	**Percentual de respostas (0)**	**Percentual de respostas (1)**
Culpabilização da vítima	66,9%	33,1%
Comparação vantajosa	78%	22%
Desumanização	70,5%	29,5%
Difusão da responsabilidade	69,7%	30,3%

Em resposta à questão de como cada participante da vitimização (autor, alvo e espectador) mostrou-se desengajado, utilizamos a composição dos grupos formados por "só autores", "só alvos" e "só espectadores" visando obter resultados que pudessem, de fato, responder ao nosso objetivo. Comecemos então as comparações. Quando comparamos alvos, autores e espectadores de bullying com a variável "culpabilização da vítima", não encontramos diferenças significativas entre as categorias (p= 0,982) . Da mesma forma, não foram encontradas diferenças significativas ao compararmos os envolvidos em situação de bullying – alvos, autores e espectadores - e as formas de desengajamento moral "Comparação vantajosa" (p= 0,101) e "Difusão da responsabilidade" (p= 0,239). Contudo, quando comparamos os sujeitos envolvidos em situação de intimidação e a forma de desengajamento moral denominada "desumanização da vítima", encontramos diferença significativa apontada pelo teste Qui-quadrado (p=0,005): os que foram somente autores apresentaram maior percentual de desumanização (45,5%).

3. Desengajamentos morais x crenças de autoeficácia acadêmica.

A partir da análise das justificativas dos sujeitos foi constatado que os adolescentes que se veem como bons ou muito bons são mais engajados moralmente, diferentemente dos que se veem como maus ou muito maus, sendo estes mais desengajados moralmente, como podemos constatar na figura 1.

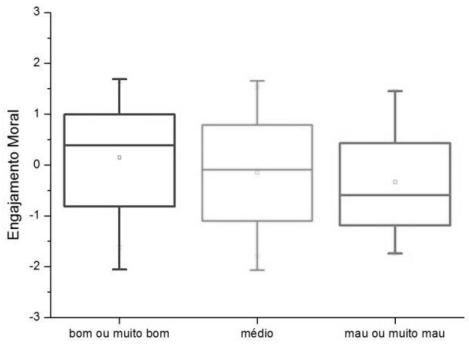

Figura 1. Crenças de autoeficácia acadêmica e o engajamento moral.

Da mesma forma, quando comparamos o domínio "desengajamento moral" e as crenças de autoeficácia acadêmica, pudemos constatar que quanto maior a crença de autoeficácia (bom ou muito bom aluno), menor o desengajamento (a média é negativa). Isso pode ser visualizado com auxílio da Figura 2.

Percebe-se, na Figura 2, uma menor dispersão (caixa menor) que na figura anterior, indicando o quanto, para os sujeitos respondentes, as respostas de desengajamento moral são mais comuns entre eles. É interessante notar que alguns casos "fogem" da concentração" (nas caixas) indicando que algumas pessoas têm valores muito mais altos do que a média. Contudo, leia-se esses "valores

PRE-PRINT

altos" como maior desengajamento porque, como vimos, quanto mais positivo, neste caso, maior o desengajamento.

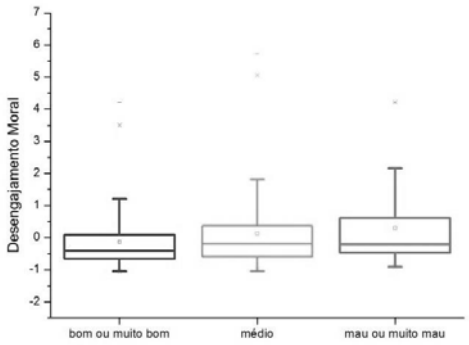

Figura 2. Crenças de autoeficácia acadêmica e o desengajamento moral.

Discussão, limitações da pesquisa e considerações finais

A presente pesquisa nos aponta que dentre os autores, alvos e espectadores de bullying, os primeiros são os que mais estão desengajados moralmente. Menosprezam as vítimas para se sentirem melhor e justificar suas atitudes, como se o alvo não fosse digno de respeito. Desta forma, os autores colocam a responsabilidade pelos atos agressivos no outro, não tendo motivo para se indignar com suas atitudes. Por outro lado, o alvo também se vê como alguém de pouco valor e por isso acredita merecer tais atitudes. Notou-se também que os espectadores podem se apresentar mais engajados moralmente. Este resultado pode validar o que em estudos anteriores Caravita, Gini e e Pozzoni (2012) têm encontrado: são os espectadores aqueles que podem, primeiro, se dispor a ser "defensores" e ajudar a mediar e solucionar os conflitos cotidianos. Quanto a crença de autoeficiência acadêmica, sujeitos que se consideram como bons ou muito bons alunos são mais engajados moralmente, do que aqueles que se consideram maus alunos, sendo que os primeiros se mostram mais sensiveis com a dor do outro.

Os resultados apresentados indicam que a intervenção aos problemas de bullying na escola serão concretizados quando compreendermos que mais que um problema de preconceito, este tipo de violência põe em jogo a falta de um conteúdo moral: não enxergar o outro como digno de valor. Assim, mais do que a responsabilidade pela formação acadêmica de seus meninos e meninas na escola, é também a promoção de um ambiente acolhedor, onde o bem-estar seja encontrado por aqueles que ali convivem. Sentir-se bem na escola deve ser sinônimo de um tratamento preventivo aos que são agressores de bullying. Deve ser da mesma forma sinônimo de encontrar espaços para que aqueles que são vitimizados possam falar de suas tristezas e ter na escola, pessoas indignadas com as injustiças e comprometidas com a proteção e o cuidado para com o outro. E finalmente, se a atual pesquisa nos aponta que os espectadores são mais engajados moralmente, é sinal de que podem reiterar os trabalhos de protagonismo juvenil tão necessários ao fortalecimento dos valores morais entre pares. Quanto à relação entre "desengajamento moral" e baixa crença de autoeficácia acadêmica, os resultados dessa investigação se integram a tantos outros mostrando que convivência e conhecimento acadêmico devem ser tratados como relacionados, visto o que diferentes investigações têm reiterado quanto a necessidade de um clima emocional de qualidade para avanços no conhecimento e o quanto a recíproca é também verdadeira.

Referencias

Almeida, A., Correia, I., & Marinho, S. (2010). Moral disengagement, normative beliefs of peer group, and attitudes regarding roles in bullying. Journal of School Violence, 9(1), 23-36. doi: 10.1080/15388220903185639

Avilés, J. M. (2012). Prevención del maltrato entre iguales a través de la educación moral. IIPSI Revista de Investigaciones Psicológicas, 15(1), 17-31.

Bandura, A. (1999). Moral disengagement in the perpetration of inhumanities. Personality and Social Psychology Review, 3(3), 193-209. doi: 10.1207/s15327957pspr0303_3

Bandura, A. (2002). Selective moral disengagement in the exercise of moral agency. Journal of Moral Education, 31(2), 101-119. doi: 10.1080/0305724022014322

Barchia, K., & Bussey, K. (2011). Individual and collective social cognitive influences on peer aggression: Exploring the contribution of aggression efficacy, moral disengagement, and collective efficacy. Aggressive Behavior, 37(2), 107-120. doi: 10.1002/ab.20375

Caravita, C. S., Gini, G., & Pozzoni, T. (2012). Main and moderated effects of moral cognition and status on bullying and defending. Aggressive Behavior, 38(6), 456-468. doi: 10.1002/ab.21447

Hymel, S., Rocke-Henderson, N., & Bonnano, R. A. (2005). Moral disengagement: A framework for understanding bullying among adolescents. Journal of Social Sciences, (8), 33-43.

Keltikangas-Jarvinen, L., & Pakasiahti, L. (1999). Development of social problem solving strategies andchanges in aggressive behavior: A 7-year follow-up from childhood to late adolescence. Aggressive Behavior, 25(4), 269-279. doi: 10.1002/(SICI)1098-2337(1999)25:4<269::AID-AB3>3.0.CO;2-K

Menesini, E., Sanchez, V., Fonzi, A., Ortega, R., Costabile, A., & Lo Feudo, G. (2003). Moral emotions and bullying: A cross-national comparison of differences between bullies, victims and outsiders. Aggressive Behavior, 29(6), 515-530. doi: 10.1002/ab.10060

Olweus, D. (1978). Aggression in the school: Bullies and whipping boys. Washington, DC: Wiley.

Sagone, E., & Licata, L. (2009). The relationship among interpersonal adjustment, moral disengagement, bullying, and prosocial behavior: A study in junior high school. Giornale di Psicologia, 3(3), 247-254.

PRE-PRINT

Sánchez, V., Ortega, R., Menesini, E. (2012). La competencia emocional de agresores y víctimas de bullying. Anales de Psicología, 28(1), 71-82.

Slee, P. T. (1993). Bullying a preliminary investigation of its nature and effects of social cognition. Early Child Development And Care, 87(1), 47-57. doi: 10.1080/0300443930870105

Thomberg, R., & Jungert, T. (2013). Bystander behavior in bullying situations: Basic moral sensitivity, moral disengagement and defender self-efficacy. Journal of Adolescence, 36(3), 34-85.

Tognetta, L. R. P., & Rosário, P. (2013). Bullying: dimensões psicológicas no desenvolvimento moral. Revista Estudos em Avaliação Educacional, 24(56), 106-137.

Turiel, E. (1983). The development of social knowledge: Morality and convention. Cambridge: Cambridge University Press.

PRE-PRINT